



Crescimento, pobreza, desigualdade e vulnerabilidade em Moçambique

Rogério Ossemane, IESE

&

Tomás Selemane, CIP

Lichinga, 29 de Novembro de 2010

Estrutura da apresentação

1. Medição da pobreza e seus resultados
2. As limitações da medição da pobreza e discussão crítica dos resultados
3. Dinâmica do país: crescimento acelerado Vs redistribuição desigual de benefícios (aumento da pobreza)
4. O papel da sociedade civil
5. Referências

I. Medição da pobreza em Moçambique e seus resultados

Moçambique vem registando um rápido crescimento económico nos últimos 15 anos. Contudo, a terceira avaliação nacional da pobreza e bem-estar mostra que:

- A incidência da pobreza aumentou em 0.6 p. p.
- A severidade aumentou em 0.7 p.p.
- A profundidade aumentou em 0.7 p.p.

○ que significam estes conceitos e números?
Como são obtidos?

Definição da Pobreza em Moçambique

- A impossibilidade por incapacidade, ou por falta de oportunidade de indivíduos, famílias e comunidades de terem acesso as condições mínimas, segundo as normas básicas da sociedade (PARPA II).
- Os resultados apresentados referem-se a pobreza do consumo: impossibilidade de ter acesso a um cabaz de consumo que satisfaça as necessidades mínimas alimentares e não-alimentares.

Procedimentos de Medição

1. Realizar um inquérito aos agregados familiares (IAF/IOF)
2. Dividir o país em 13 domínios espaciais onde os preços são relativamente homogéneos
3. Definir linha da pobreza do consumo = Custo do cabaz dos pobres
4. Calcular as medidas de pobreza do consumo

Resultados (I)

Incidência: número de pobres/população total

	Níveis %			Diferença, pontos percentuais	
	1996-97	2002-03	2008-09	1996-97 a 2002-03	2002-03 a 2008-09
Nacional	69.4	54.1	54.7	-15.3	0.6
Urbano	62	51.5	49.6	-10.5	-1.9
Rural	71.3	55.3	56.9	-16	1.6
Norte	66.3	55.3	46.5	-11	-8.8
Centro	73.8	45.5	59.7	-28.3	14.2
Sul	65.8	66.5	56.9	0.7	-9.6
Niassa	70.6	52.1	31.9	-18.5	-20.2
Cabo Delgado	57.4	63.2	37.4	5.8	-25.8
Nampula	68.9	52.6	54.7	-16.3	2.1
Zambezia	68.1	44.6	70.5	-23.5	25.9
Tete	82.3	59.8	42.0	-22.5	-17.8
Manica	62.6	43.6	55.1	-19	11.5
Sofala	87.9	36.1	58.0	-51.8	21.9
Inhambane	82.6	80.7	57.9	-1.9	-22.8
Gaza	64.6	60.1	62.5	-4.5	2.4
Província de Maputo	65.6	69.3	67.5	3.7	-1.8
Cidade de Maputo	47.8	53.6	36.2	5.8	-17.4
<i>Dispersão:</i>					
Províncias	11.7	12.6	13.2	17.2	18.3
<i>Coefficientes de correlação:</i>					
Inquéritos consecutivos		-0.001	-0.006		-0.633
Nível inicial e mudança	-0.683	-0.668			
Nível de destino e mudança		0.731	0.726		

Resultados (2)

Profundidade: distância média a que os pobres estão da linha da pobreza

	Níveis %			Diferença %	
	1996-97	2002-03	2008-09	1996-97 e 2002-03	2002-03 e 2008-09
Nacional	29.3	20.5	21.2	-8.8	0.7
Urbano	26.7	19.7	19.1	-7.0	-0.6
Rural	29.9	20.9	22.2	-9.0	1.3
Norte	26.6	19.5	16.6	-7.1	-2.9
Centro	32.7	16.0	24.3	-16.7	8.3
Sul	26.8	29.1	22.1	2.3	-7.0
Niassa	30.1	15.8	12.3	-14.3	-3.5
Cabo Delgado	19.8	21.6	11.5	1.8	-10.1
Nampula	28.6	19.5	20.0	-9.1	0.5
Zambezia	26.0	14.0	27.9	-12.0	13.9
Tete	39.0	26.3	16.5	-12.7	-9.8
Manica	24.2	16.8	21.1	-7.4	4.3
Sofala	49.2	10.7	27.0	-38.5	16.3
Inhambane	38.6	42.2	20.9	3.6	-21.3
Gaza	23.0	20.6	28.3	-2.4	7.7
Província de Maputo	27.8	31.1	25.6	3.3	-5.5
Cidade de Maputo	16.5	20.9	11.8	4.4	-9.1
<i>Dispersão:</i>					
Províncias	9.5	8.8	6.5	12.5	11.4

Resultados (3)

Severidade: distância média ao quadrado (dá mais peso aos mais pobres e informa sobre a desigualdade entre os pobres)

	Níveis %			Diferença %	
	1996-97	2002-03	2008-09	1996-97 e 2002-03	2002-03 e 2008-09
Nacional	15.6	10.3	11.0	-5.3	0.7
Urbano	14.6	9.6	9.6	-5.0	0.0
Rural	15.9	10.7	11.6	-5.2	0.9
Norte	13.9	8.9	8.0	-5.0	-0.9
Centro	18.0	7.9	13.0	-10.1	5.1
Sul	13.9	16.0	11.4	2.1	-4.6
Niassa	16.1	6.7	6.5	-9.4	-0.2
Cabo Delgado	9.1	9.5	4.8	0.4	-4.7
Nampula	15.3	9.3	9.8	-6.0	0.5
Zambezia	12.3	6.1	13.9	-6.2	7.8
Tete	22.5	15.3	8.9	-7.2	-6.4
Manica	11.7	9.2	11.1	-2.5	1.9
Sofala	32.1	4.3	17.1	-27.8	12.8
Inhambane	21.4	26.0	10.1	4.6	-15.9
Gaza	10.9	9.3	16.7	-1.6	7.4
Província de Maputo	14.7	17.2	12.5	2.5	-4.7
Cidade de Maputo	7.7	10.3	5.2	2.6	-5.1
<i>Dispersão:</i>					
Províncias	7.1	6.2	4.2	8.9	8.0

2. As limitações da medição da pobreza e discussão crítica dos resultados

- Não são analisados aspectos estruturais e macroeconómicos: estrutura da produção, comércio e investimento, equilíbrio entre acumulação e crescimento e a produção massiva de bens e serviços baratos;
- A natureza multidimensional da pobreza é ignorada: por exemplo, relação entre crescimento económico e nutrição (como pode a pobreza diminuir quando a má nutrição aumenta?);
- O padrão de crescimento económico em Moçambique não é conducente aos equilíbrios necessários para reduzir a pobreza e a dependência externa;

2. As limitações da medição da pobreza e discussão crítica dos resultados (2)

Alguns exemplos do paradoxo do combate a pobreza:

- **TRANSPORTE** : cada vez há mais carros individuais e menos transportes públicos a preços acessíveis;
- **HABITAÇÃO**: a construção está sobretudo orientada para grupos sociais de rendimento médio e alto nas grandes cidades e arredores;
- **SAÚDE E EDUCAÇÃO**: o acesso a serviços de qualidade está cada vez mais restrito a quem pode pagar serviços privados; a qualidade de ensino está a baixar cada vez mais (ver resultados dos exames da 10^a e 12^a classe)
- Há mais graduados (mais de 3 mil há duas semanas), mas menos profissionais, menos intelectuais críticos;
- **SEGURANÇA PÚBLICA**: os efectivos das empresas de segurança privada supera os da PRM

3. Relação entre crescimento económico e pobreza

Como explicar este crescimento/estagnação da pobreza num contexto de rápido crescimento económico?

- A natureza extractiva da economia que implica fraca retenção da riqueza gerada e distribuição desigual e limitada dos ganhos do crescimento,
- A distribuição desigual dos custos: impacto diferenciado dos preços em diferentes grupos
- A vulnerabilidade

A natureza extractiva da economia: concentração e desarticulação

- Concentração em fases primárias da cadeia de produção:
- Indústria manufactureira não gera novas capacidades,
- Agricultura estagnada ou em declínio

Produção da Indústria Transformadora

Subsector	Produtos introduzidos desde 1959	Produtos "descontinuados" entre 1959 e 2007 (a)	Composição do sector em 2004-2008			
			Principais produtos	Valor de Produção em 2008 (000' MT) (b)	% da produção do subsector	% da produção industrial total
Alimentar, bebidas e tabaco	Nenhum	Chá (1993) e caju processado (1994)	Açúcar, farinha, cerveja, tabaco	4.462.759	70%	10.9%
Têxteis, vestuário e produtos de pele	Nenhum	Sisal (1992?) e copra (2000?)	Algodão, fios e sacaria	240,663	70%	0.6%
Minerais não metálicos	Cerâmicas (1966) e vidro (1966)	Cerâmicas (2002) e vidro (1997)	Cimento	2,105,078	70%	5.1%
Metalurgia	Alumínio (2000)	Ferro e aço (1999)	Alumínio	28.592.324	98%	69.8%
Metalomecânica	Nenhum	Equipamento não eléctrico (2001), equipamento eléctrico (2003)	Produtos metálicos variados para consumo final	26,986	80%	0.1%
Químicos e derivados de petróleo	Gás natural (2004), derivados de petróleo (1961), plásticos (1966)	Derivados de petróleo (1992)	Gás natural	2,120,386	80%	5.2%

Produção Agrícola

Quadro 4-5: Tendências da produção de culturas alimentares.

Cultura	2002	2003	2005	2006	2007	2008	Mudança 2008-'02	Coef. De variação
(A) Produção Total (milhões Kg)								
Milho	1,115	1,181	942	1,396	1,134	1,214	8.9	12.7
Arroz	93	118	65	98	103	88	-5.9	18.7
Mapira	138	191	115	202	167	126	-8.6	22.8
Mexoeira	12	22	15	22	25	15	19.7	27.5
Amendoim grande	38	44	27	25	31	31	-17.5	21.4
Amendoim pequeno	64	44	58	60	70	71	10.9	16.5
Feijão manteiga	36	41	50	50	55	53	47.1	15.5
Ervilha	54	64	49	71	62	62	15.5	13.1
Amendoim bambarra	23	18	9	12	20	13	-44.0	34.3
Feijão boer	32	43	36	62	72	64	101.6	32.2
Mandioca*	3,446	4,782	4,782	5,481	4,959	4,055	17.7	15.7
Batata doce*	456	610	509	678	862	610	33.7	22.9
(B) Produção por pessoa (Kg)								
Milho	90.0	92.9	67.3	101.7	80.7	80.7	-10.4	14.0
Arroz	7.5	9.2	4.6	7.1	7.3	5.8	-22.5	22.7
Mapira	11.2	15.0	8.2	14.7	11.9	8.4	-24.8	25.5
Mexoeira	1.0	1.7	1.1	1.6	1.8	1.0	-1.5	27.9
Amendoim grande	3.0	3.4	2.0	1.8	2.2	2.1	-32.1	27.3
Amendoim pequeno	5.2	3.4	4.2	4.4	5.0	4.7	-8.7	14.2
Feijão manteiga	2.9	3.2	3.6	3.6	3.9	3.5	21.0	10.1
Ervilha	4.3	5.0	3.5	5.2	4.4	4.1	-5.0	13.9
Amendoim bambarra	1.8	1.4	0.6	0.8	1.4	0.8	-53.9	39.3
Feijão boer	2.6	3.4	2.6	4.5	5.1	4.3	65.9	28.2
Mandioca	278.2	376.1	341.7	399.5	353.0	269.4	-3.2	15.6
Batata doce	36.8	48.0	36.4	49.4	61.4	40.5	10.0	21.0
(C) Medidas agregadas (usando calorías)								
Índice produção total	100.0	124.2	111.3	140.9	128.6	113.8	13.8	12.1
Produtividade (kcal / hm ²)	2,307	2,643	1,935	2,424	2,189	1,961	-15.0	12.2
Índice produtividade	100.0	114.6	83.9	105.1	94.9	85.0	-15.0	12.2
Calorias por pessoa / dia	2,135	2,583	2,103	2,717	2,422	2,000	-6.3	12.5

Nota: * dados de 2003 estão em falta assim imputou-se com a mediana das observações dos anos válidos.

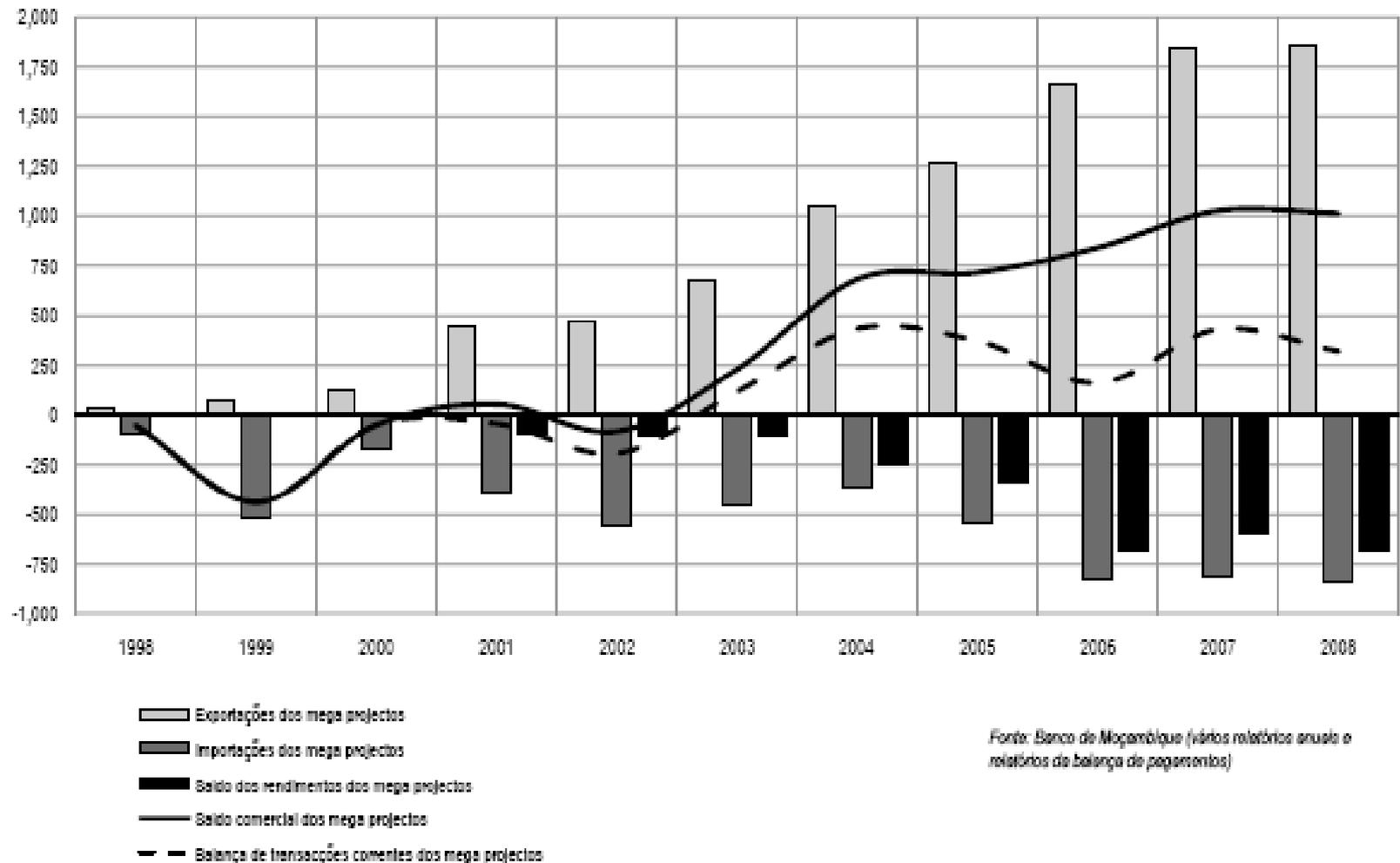
Uso de Insumos na Agricultura

Insumos utilizados	2002	2003	2005	2006	2007	2008
Irrigação	11%	6%	6%	8%	8%	3%
Tracção animal	11%	11%	9%	12%	11%	11%
Fertilizantes químicos	4%	3%	4%	5%	4%	3%
Pesticidas	7%	5%	5%	5%	7%	3%
Visitado por extensionista	14%	13%	15%	12%	10%	8%

A Natureza Extractiva da Economia: Dependência e Porosidade

- Grande influxo de investimento directo estrangeiro e com geração de muita riqueza. Mas,
- Elevada porosidade: a quem pertence a riqueza gerada? Como é distribuída?

Porosidade: BTC de Mega Projectos



Distribuição de custos e vulnerabilidade

- Como são distribuídos os custos? A evolução do preço dos cabazes de consumo é diferenciada entre grupos de rendimento
- A vulnerabilidade

4. Crescimento acelerado Vs redistribuição desigual de benefícios (aumento da pobreza)

- O modelo de combate a pobreza beneficia mais as classes média e alta do que aos mais pobres (*ver slide 10*);
- Nos últimos 7 anos o PIB *per capita* aumentou 41% mas a produção alimentar *per capita* reduziu quase 9%;
- Nos últimos 10 anos, apenas 1% do investimento privado total foi alocado à produção de comida para o mercado doméstico, o que significa que os grupos sociais mais vulneráveis (baixa renda) são os mais afectados;
- Trabalhadores, pequenas e médias empresas pagam mais impostos (e têm mais penalizações e menos protecção) do que as maiores empresas (mega projectos).

5. O papel da sociedade civil

- Influenciar a mudança do foco do combate a pobreza:

“A pobreza não é criada pelo povo pobre. Ela é criada pela ordem económica e social. Portanto, se queremos acabar com a pobreza, temos que introduzir mudanças nessa ordem. Temos que reprojectar tais instituições [de combate à pobreza] económicas e sociais, e os conceitos que tiveram seu papel na criação da pobreza. Não está nas mãos das pessoas pobres. Se lhes dermos oportunidades, elas serão capazes de cuidar de si mesmas e tirar a si mesmas da pobreza.” MUHAMMAD YUNUS, Prémio Nobel da Paz 2006

6. Referências

- Castel-Branco, C.N (2010), Intervenção feita no lançamento do livro Economia Extractiva e Desafios de Industrialização em Moçambique, IESE, 21.10.10, Maputo
- Ossemane, R. (2010), O dilema do crescimento empobrecedor, 26.10.10, Tete
- MPD (2010), Terceira Avaliação Nacional da Pobreza e Bem-estar, Maputo
- Yunus, M. (2009), *Sou contra o que os bancos fazem no Brasil*, São Paulo



MUITO OBRIGADO!

Rogério Ossemane

rogerio.ossemane@iese.ac.mz

Instituto de Estudos Sociais e Económicos
(IESE) www.iese.ac.mz – Maputo

Tomás Selemane

thomselemane9@gmail.com

Centro de Integridade Pública (CIP)
www.cip.org.mz - Maputo